

**Ana Maria de
Aguiar Bergamin**

Coordenadora
do Ensino Médio

Histórias de Vida e Vera



**Mistura boa
e duradoura**

A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos e tantas profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos e alunas, dia a dia formando pessoas capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, estudantes e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Histórias de Vida e o Vera

Mistura boa e duradoura.



VERACRUZ

DIREÇÃO GERAL
Natacha Costa

DIREÇÃO DE GESTÃO
Marcelo Chulam

DIREÇÃO PEDAGÓGICA
Regina Scarpa



ENTREVISTAS E EDIÇÃO DE TEXTOS
Claudia Cavalcanti

CAPTAÇÃO E EDIÇÃO DE VÍDEO
Camila Urquizas Campello

REVISÃO
Iara Arakaki

PROJETO GRÁFICO
Juliana Lopes

PESQUISA DE IMAGENS/ACERVO VERA CRUZ
Alexandre Leite (Biblioteca Geral)
Camila Urquizas Campello
Janine Moura Campos
Rosângela Gerardi

APOIO
Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)
Equipe de Recursos Humanos

Captação de vídeo e áudio:
novembro e dezembro de 2025.

Ana foi aluna do Vera a partir de 1969.
Em 1991, tornou-se profissional da Escola
como auxiliar, professora, orientadora,
assistente de Coordenação e, de 2013 a 2025,
coordenadora do EM.

O Vera de Aninha

Entrei no Vera em 1969, na Frei Caneca, para o maternal da tia Thelma. Tenho muito pouco tempo de vida fora do Vera. Fiquei pensando nisso esses dias, que o que tenho para contar é uma vida toda. Tenho lembranças, essas lembranças de criança pequena, tudo muito fragmentado, mas tenho lembranças importantes da Frei Caneca. Fui aluna da Lélia na Frei Caneca. Me lembro de cenas da Lélia conosco cantando, tocando. E tenho muitas memórias da Avenida Brasil. Fui inaugurar a Avenida Brasil, acho que em 1971. E, depois, a gente veio ver a obra [no Verão]. Tinha uma amiga que morava na Rua Livi. Fomos ver a obra da Escola, no ano que a gente se mudou para cá, em 1975. Cheguei ao Verão, ainda de tarde, pra fazer a 4ª série, mas sem muita memória do que acontecia aqui de manhã, desse ginásio que já estava funcionando. Fui me encontrar com o ginásio no ano seguinte, em 1976.

É um trajeto que, para mim, tem um enorme valor, porque acho que nenhum aluno do Vera fica incólume, as marcas da Escola ficam em nós. Acho que tem coisas muito profundas, o jeito de pensar, de organi-

zar o estudo, de se ver como alguém que se interessa pelas coisas. Então, foi uma escola que me deu muitas pessoas que permanecem na minha vida, muitos amigos que são meus amigos desde a 5ª, 6ª série. Enfim, é uma história muito longa na minha vida.

Mas, quando penso em formação escolar mesmo, para além dessa coisa mais pessoal, das pessoas, enfim, fica um jeito de pensar o mundo e de me relacionar com o conhecimento que é do Vera. Depois do Vera, fiz o Oswald, que estava sendo fundado. Sou da segunda turma do Oswald, a primeira turma grande do Ensino Médio. O Vera não tinha Médio naquela época. O Oswald me deu muitas coisas, mas eu cheguei lá já com isso muito impregnado em mim, de como se estuda, se organiza, e uma curiosidade infinita, que eu vejo nas minhas irmãs e nas minhas filhas. Esse percurso longuíssimo no Vera envolve três irmãs e três filhas. E tem uma linha que nos une, eu diria, que são a curiosidade e a certeza, uma convicção de que a gente pode resolver a curiosidade pelo conhecimento.

O que o Vera me deu? Bom, muitos caminhos. Sou uma entusiasta do TP [Trabalho Pessoal], que foi, na

minha vida de aluna, uma experiência muito preciosa. Sempre fui excelente aluna; gosto de ser excelente aluna até hoje. Então, o TP me dava essa autonomia de ter uma tarefa, a lição de casa, as pastas para organizar, e aquele gerenciamento das tarefas me ocupava. Mesmo se a tarefa fosse difícil, ela me desafiava no conhecimento que eu tinha ou no que me faltava.

Dialogar com aquela organização foi sempre um prazer. Me lembro de fazer os índices de pasta, do prazer de organizar a sequência daquelas fichas e de voltar a elas para corrigir. Isso ficou em mim. Tem um método de estudo, um jeito de registrar, de fazer caderno, que é do Vera e que ficou em mim até hoje.

Gosto de ter caderno, meus cadernos são superorganizados, e, quando eu preciso de uma anotação, sei que ela está lá. O grifo de livros, o apreço pelos livros, tem muita coisa no meu jeito de me relacionar com o conhecimento que é do Vera, e eu vejo [isso] nas pessoas, nos nossos alunos atuais, na trajetória deles todos, vejo muito nas minhas filhas, com todas as diferenças que existem entre nós. As meninas são três estudantes totalmente diferentes. Mas têm a curiosidade. É uma das coisas que gosto em mim.

Anos de chumbo e parceria

E uma certa rebeldia, que depois o Oswald reforçou. Duvidar. E se perguntar, questionar. Querer saber sobre o sentido. E se não tem sentido, não rola obediência, ponto. Tenho muita dificuldade de obedecer àquilo que não vejo sentido. Se você não conseguir sustentar um argumento que me convença de que, não, não deve ser assim, eu não dou conta. Agora, se tiver lastro, posso discordar e me submeto. Essa rebeldia é boa, porque politicamente ela foi me constituindo.

Vivi a ditadura no Vera. São algumas marcas também políticas e de formação política num Brasil sofrido. Meus pais eram muito jovens e estavam lá vivendo a rua, vivendo o político. E eles tendo filhas (eu sou de 65, minha irmã de 68), amigos sumindo, se exilando, entrando para a luta armada. Tudo isso circulava dentro de casa, muito velado; tinha um sussurro na minha casa, e eu acho que o Vera foi um lugar de... contenção, é isso. E de parceria. De alguma maneira, a Escola era parceira desse casal muito jovem, de esquerda, que tinha um ideário e sonhos no mundo.

Os dois vinham do interior e, de repente, viver em São Paulo e viver a pujança da cidade foi um pouco interrompido. Tem sido interessante agora reencontrar coisas daquele tempo no mundo social. Fui ver a exposição do Flávio Império outro dia e entendi um pedaço enorme do meu pai, sobre o qual nós não podíamos falar. E o que eu sabia? Eles tiveram noite de fogueira e queimaram um acervo gigante do próprio Flávio Império. Essa foi uma história que eu ouvi, eles morreram de medo. Sobrou muito pouco, mas a gente estava no Vera. E aí tinha uma coisa na Escola que eles valorizavam, essa Escola não tinha bandeira hasteada, ninguém cantava o hino nacional, não tinha aula de Educação Moral e Cívica. Fui poupada de um pedaço dramático da formação de crianças na ditadura, que depois me custou umas risadas no mundo adulto. Como professora de História — e como professora de Educação Moral e Cívica, porque o mundo é cheio de ironias. Sou uma mulher formada em História, pela Universidade de São Paulo, que não sei cantar o hino nacional, por rebeldia. Porque na Escola não se cantava, na minha casa não se cantava.

Tempos de abertura e autoafirmação

Mas, se vivi a infância na ditadura, vivi a juventude na abertura e todo esse trajeto da gente se reapropriar do país, do mundo político e dos símbolos, da simbologia pátria, pública. No Vera, a gente usa o hino e a bandeira como símbolos de que somos brasileiros, com as nossas diferenças. Isso é intencional. Sim, a gente precisa ensinar os alunos a terem respeito por tudo isso, um respeito que atravessa a fronteira e que nos une e não nos separa. E depois ainda vivi, como coordenadora, o rebote disso tudo, o revés, o quanto a gente retrocedeu como país, abrindo espaço para uma extrema-direita muito nociva, para o fascismo, para coisas que vão nos ocupando de um jeito muito intenso e desgastante.

Mas olhando minha experiência de infância na Escola, era uma escola que pensava cada passo e que tinha lá suas modernidades. Tenho o privilégio de ter tido aula de Matemática com Lucília Bechara e de ter vivido com ela oficinas de Matemática moderna com os blocos lógicos, com os diagramas, nos ensinando

coisas, acompanhando conosco aquela Matemática moderna. O processo todo de alfabetização, com o tapetinho, o ditado, os rolinhos de Matemática em papel quadriculado, em que a gente ia escrevendo os números e enrolando, e tinha uma coisa bonita do rolinho ficar gordo, e um orgulho do quanto a gente sabia contar, no pré.

Era uma escola que nos oferecia teatro. A gente tinha um bloco de Língua Portuguesa de teatro, com [a obra de] Maria Clara Machado quase inteira. São memórias de alegria na Escola. A professora da 3ª série, Adelaide, era uma festa, uma alegria ambulante, ela ria alto, era muito criativa. Era: “Vamos fazer *O rapto das cebolinhas*”. Então tinha cenário, figurino, maquiagem, a gente trazia tudo de casa. Me lembro do recreio na Avenida Brasil, brincando de Secos & Molhados, aquele disco que era um grande acontecimento. A gente cantava, se pintava, tinha pena na cabeça e dançava. A Escola tinha esse espaço em que a gente ria, era uma escola alegre, e acho que é ainda.

E depois a política foi entrando. A eleição do Quêrcia, do Carvalho Pinto. Me lembro, por exemplo, da

eleição do Carvalho Pinto. A gente ganhou da Escola — naquele tempo podia, não era errado —, uns pintinhos. Uma amiga que ganhou um pintinho tinha um avô arquiteto, muito habilidoso, que fez a caixa do pintinho, montou uma lâmpada, e o pintinho cresceu e virou uma galinha. O pintinho que foi para casa dela foi o único que sobreviveu. Porque os pintinhos morriam, a gente fazia o enterro deles no quintal. Mas ficou o Carvalho, o Pinto. E foi crescendo. Então, acabou que Carvalho, o Pinto, punha ovos. Putz, Carvalho é uma galinha. E a gente convivendo com aquela galinha. Tudo isso vinha da Escola, com repertório, com muita música, teatro, ateliê de arte.

Então, acho que o Vera era um oásis de pensamento crítico, onde a gente existia. Tenho cenas do Dia das Crianças, quando a gente montou, com tia Adelaide, os planetas. Não me lembro se cada classe da Escola ficou com um planeta e a gente montou um sistema solar, mas tenho essa lembrança de um sistema solar no pátio, onde a gente era Saturno. A gente passou, sei lá, um mês criando coisas em torno de Saturno, estudando, desenhando, pintando, fazendo fantasia, e criamos um boneco que foi para um desfile. Eu ti-

nha uns 10 anos e me lembro disso até hoje. Era uma escola muito viva, muito colorida. Quando cheguei ao ginásio, era o tempo da abertura, da luta pela anistia, do retorno dos exilados, vivi tudo isso no Vera. As greves no ABC, Lula, greve dos jornalistas, a gente vendia *bottoms* na Escola, tinha um engajamento e apoio àqueles grevistas. Minha mãe, por exemplo, foi para o ato ecumênico em memória de Vladimir Herzog com amigas que eram mães de amigas nossas. E, ao mesmo tempo, o filho do [governador] Paulo Egydio era aluno da Escola. E isso não era problema para a nossa convivência. Ter ali, junto, o filho do Paulo Egydio, de alguma maneira, dava certo. E a Escola era muito sábia em lidar com tudo isso.

Agora, para os meus pais, o fato de ser uma escola progressista, uma escola de esquerda, eles diziam, era uma marcação de posição e era intencional. Então, tinha um campo de alívio em casa. A melhor amiga da minha mãe era do movimento feminista, engajada, então tinha um panteão de figuras que atravessavam minha casa, ou cujos nomes atravessavam a casa e que circulavam pela Escola, porque a gente conversava sobre tudo isso dentro da Escola.

Minha mãe era bibliotecária. Acho que, em 1978, minha mãe veio catalogar e organizar a biblioteca do Vera, que até então era uma sala cheia de livros em desordem, caótica. Aí minha mãe veio e arrumou o acervo, fez o tombo de todos os livros. Me lembro de vir nas férias com ela para cá, para ela tombar livro, preencher as fichas de tombo. Uma relação com a Escola que foi ficando muito intensa, familiar.

Outras experiências

Saí do Vera em 1979. Em 1980, eu estava no Oswald, carregando tudo isso, o universo político e politizado, que era da minha casa, mas que era muito da Escola. Então, chego à adolescência fazendo manifestação, liderando alunos, confrontando, incomodando a direção do Oswald, que se achava também uma escola muito progressista e, portanto, achava que não haveria conflito. Eles tinham a ilusão de que iam fazer uma escola de adolescentes sem conflito, porque eles eram bacanas (e eram mesmo). Só que não, né? Tinha o [Paulo] Chacon, com uma coisa de “quero criar o anti-Dante Alighieri”, onde ele tinha estudado. Ele

dizia isso “A escola que eu quero fazer é o inverso da escola que eu tive”. Mas eles eram todos professores de cursinho, então não tinham nenhuma experiência de escola, não tinham a menor ideia do que tinha que acontecer ali.

O grupo que foi do Vera, na minha turma, era um grupo grande. A gente foi ensinando a eles: “Não, olha, na festa junina, a gente dança quadrilha. Dançar quadrilha é assim, ó”. Me lembro da formatura, a escola ia terminar e eles não iam fazer nada. Nós organizamos a formatura, do jeito que a gente sabia, com teatro. Montamos uma peça com os poemas do Oswald de Andrade, chamamos uma diretora de fora, criamos a cenografia; a gente foi ao Teatro das Nações, na Avenida São João, negociamos o aluguel com o Zé do Caixão, que era o dono do teatro, na véspera, para um ensaio geral, e no dia, para receber as famílias. Levamos tudo que era do nosso quarto, nossa casa, para a cenografia da peça, e negociamos com o Zé do Caixão um lugar onde essas coisas podiam ficar guardadas. E montamos a formatura. A gente fez o convite, mandou imprimir, pagou o teatro.

A direção do Oswald foi olhando e dizendo: “O que vocês estão fazendo?”. “Nós estamos montando uma festa de formatura, pois vai acabar o 3º ano”. Aí eles saíram correndo atrás, para pensar o que era deles. Montaram uma peça de teatro de professores. E aí um tantão do modelo Vera estava lá, a gente que carregou.

E eu carrego, né? Algumas dessas marcas seguem em mim. Continuo achando que tem coisas que a gente tem que fazer na escola. A escola tem que ter teatro, música, poesia. Não é possível ter só conteúdo caretão. Precisa do conteúdo caretão, mas também ter alegria. E o que vai nos dar alegria é a arte, não tem outro jeito. É a arte que nos levanta, que faz a gente rir. E a escola é um lugar de rir. Tem que ser. Porque a gente se encontra ali. Um monte de gente da mesma idade se encontrando naquele lugar tem que ser divertido. Acho que isso foi o Vera, na minha experiência e na dos meus pais.

Agora, na minha saída do Vera, vivi uma coisa que, acho, não era rara: precisei brigar um pouco para sair, porque o vínculo era muito profundo, muito intenso, e foi muito difícil imaginar para onde eu iria depois

do Vera. Minha mãe, naquela ocasião, trabalhava na biblioteca da Nossa Senhora do Morumbi, e tinha muita relação com as donas do Logos, que vinham da Nossa Senhora do Morumbi. Para ela, o caminho natural era o Logos, embora a gente fosse vizinho do Santa Cruz. Ela fez a matrícula no Logos, e eu, quando entrei no Logos para fazer a prova de seleção, detestei aquele lugar. “Não quero vir para cá, não quero.”

O Oswald era num prédio de escritório de contabilidade, que depois virou a Associação dos Produtores de Gado, ou coisa assim, na Diógenes Ribeiro de Lima, atrás do cemitério. Era um prédio de escritórios, não tinha uma área livre, uma área verde, não tinha nada.

Quando conversei com o Chacon, falei: “É pra cá que eu quero vir”. Minha mãe dizia: “Pra cá? Um prédio?”. A conversa do Chacon, na época, era muito encantadora. Eles tinham um sonho que o Logos não tinha mais. O Logos era uma escola caretona, instituída, arrumadinha. E aí foi um rolê. Convenci minha mãe a ir pro Oswald. Aquilo já era 1980, o país entrando em crise. Meu pai perdeu o emprego, trabalhava na Emurb. Minha mãe trabalhava na Regional do Butan-

tã. Foi dando uma crise financeira na casa, ficaram os dois desempregados. No Logos, ela tinha canais, conhecia as pessoas de negociação de bolsa, no Vera também. No Oswald, ela precisou criar esses canais. No fim, fui. E, depois, minhas irmãs todas foram para lá. Foi um trajeto de família. Então, eu saí daqui meio bronqueada com o Vera, meio brava. Depois, teve um período de reconciliação. Vim me reaproximando do Vera já na faculdade, devagarzinho.

Dilemas da vida adulta

Me inscrevi para História na Fuvest e Pedagogia na PUC. E tive o bom senso de zerar a prova de Matemática da segunda fase na Fuvest e fiquei de fora. Aí, passei na PUC, muito bem colocada, e lá fui eu fazer Pedagogia. A PUC era uma delícia, vivi um ano de imensa felicidade. Tomamos a reitoria, dormi na reitoria, movimento estudantil, aquele refeitório, aquela muvuca, a rua do centro acadêmico, mas o curso de Pedagogia era um ritmo devagar, quase parando, feminino, muita mulher, e com o professor de Sociologia da Educação que me pergunta: “Mas, Ana Maria, pra

que você quer saber tudo isso? Você vai casar”. “Como assim, vou casar? Qual é?”

Em maio, anunciei em casa: “Não vou terminar, não vou fazer Pedagogia”. Pela primeira vez, vi meu pai durão: “Vai, este ano você termina. Não existe a possibilidade de largar o barco no meio do caminho. Você está lá, você termina o ano. No fim do ano, se quiser mudar de caminho, muda”. Então, fiquei, sustentei e fui buscar um jeito de entrar na USP. Pedi a transferência na PUC, me inscrevi para os vestibulares na PUC e na USP, tudo de novo, só para História, que era o que eu queria. Entrei em História na USP, no ano seguinte.

Agora, a USP foi um banho de água fria na minha existência. Aquele campus gelado, a História era uma prepotência, uma arrogância, difícil de lidar, com um espaço de fazer perguntas, de conversar, muito reduzido, era tudo muito transmissivo, e aquela gente tinha muita certeza de todas as coisas. Acho que peguei um tempo difícil também na universidade, que vivia uma transição, tendo vivido um trauma muito grande, da perseguição entre eles, tinha um clima esquisito.

Entrei na USP em 1984, no ano das Diretas, a gente na rua e greves longas. Fui trabalhar — a História era à tarde. Eu era secretária numa loja de manhã. Não vivi a vida universitária na USP. Fiz o curso bonito, direitinho, gostava muito, mas trabalhando, com namorado, com os amigos que eram de fora. Fui fazer vínculos na História no penúltimo ano. Eu estava no 4º ano quando fiz um grupo de amigos e passei a viver a intensidade de ter amigos universitários, mas já não dentro da universidade, fora. Daí, bar, viagem, né? São as amigas que eu fiz há 40 anos; casamos na mesma época, tivemos os filhos juntas, enfim. Mas a experiência na USP não foi uma experiência de felicidade. Faltava essa alegria que tinha no Vera, no Oswald, na PUC. Na USP não tinha.

Aprendizados na prática

Fui ser secretária numa loja, um ano depois eu era gerente, uma loja de barcos, durante todo o tempo que fiz a USP. Entrei com 18 anos e aprendi a trabalhar com gerência mesmo, com sistema de estoque, controle, compra e venda, e depois o gerenciamento das

pessoas, organização do balcão de venda, venda por telefone, a chegada do fax, tudo isso eu vivi no escritório, trabalhando.

É uma experiência bonita porque, depois, quando assumi a Coordenação do Ensino Médio, uma parte daquilo que eu tinha aprendido com 20 anos na loja, de organização administrativa, localizei onde estava em mim e uso muito até hoje. E de novo atribuo ao Vera essa possibilidade. Uma das coisas que fiz na Regata, muito legal de fazer, e que é muito Vera Cruz, foi criar um sistema de controle de estoque. Falei: “Gente, não dá pra gerenciar assim, não dá. A gente pode antecipar. Você encomenda e recebe antes do fim do estoque. Ou: vai ter um evento grande em Ilhabela em julho, então em maio a gente enche o estoque da loja, porque é a hora que vai vender”. Eu tinha essa cabeça, então criei o sistema, um código em papel. Me lembro de ir à papelaria Santa Paula, conversar com o gerente, perguntar como se faz ficha de controle de estoque. Ele me mostrou uns modelos, me indicou um, que era uma ficha, de entrada e saída. Criei os códigos das mercadorias – se era roupa, peça de barco, se era de *windsurf*, se tinha tamanho, qual era o fabricante,

o código do fabricante, tudo manual. Criei o código, listas e listas de coisas, cada ficha com o codigozinho do produto. Depois informatizei esse sistema. Isso é muito Vera.

Sou da época da Multibase. A cabeça funcionava assim. Codificar coisas é uma habilidade que desenvolvi ainda criança. E que me habita até hoje. “Como arrumo os arquivos da secretaria? como arrumo a nuvem do *OneDrive*?” Adoro fazer isso. “Quantas pastas? Qual é o nome da pasta? Isso aqui não tá bom, vamos reorganizar.” É uma tecnologia de organização que o TP dá, que a Matemática me deu, que, enfim, é muito, muito Vera Cruz, impregnado em coisas, às vezes, pequenas. Os livros cheios de *post-its*; mas aí eu não quero *post-it* de qualquer tamanho, quero uns *flags* bem fininhos. Você vai atrás de comprar para poder pôr, porque tem um código de cores na coisa: “Isso aqui é opinião minha, isso aqui é conceito relevante. Isso aqui é o argumento”. Cada cor diz uma coisa.

Aventuras fazem parte

Depois que me formei em História, saí com um dilema profissional: “Vou fazer alguma coisa com essa História ou vou fazer uma pós-graduação em Business na GV?”. Nesse meio do caminho, tive uma desilusão amorosa, sofri, aí me juntei com umas amigas. A gente fazia colares — para não ficar dúvida, quem faz a FFLCH é da terra das miçangas. Ganhei muito dinheiro fazendo colar. Eu, Flavinha, que é minha parceira até hoje, e Lucília Siqueira, que também trabalhou aqui no Vera, que montou o Núcleo de Novas Práticas, trabalhou no projeto de memória do Vera. Esse trio se divertiu, durante um ano ou mais. A gente ia na Ladeira do Porto Geral uma vez por mês, comprava as coisas, montava os colares e de novo era eu a pessoa que tinha a organização das contas, os vidrinhos, por cor, tamanho, por isso, por aquilo, além dos custos, quanto a gente gastou, quanto vale, como a gente faz uma política de preços — tudo vinha da experiência na Regata.

Aí a desilusão amorosa se aprofundou — porque namoro adolescente vai e volta, né? E quando foi de vez, peguei todo o dinheiro que eu tinha e fui para Jerico-

acoara. Fiquei em Jericoacoara 40 dias. E voltei com uma mão na frente e outra atrás. Curei a desilusão amorosa em Jericoacoara, mas voltei absolutamente falida. Meu pai tinha planejado com a minha mãe uma viagem à Europa pela primeira vez. Eles nunca tinham saído do país. Então foram e me deixaram aqui, chegada de Jericoacoara, para cuidar do escritório do meu pai e da casa, com a gerente do banco, com quem eu falava todo dia, para ela ir liberando o dinheiro para poder pagar as contas. Nesse vazão que meu pai preencheu involuntariamente, voltei para a licenciatura. Falei: “Vou terminar a licenciatura que eu tinha interrompido”. Fui fazer estágio. Nesse meio caminho, vim fazer um estágio aqui, no Nível 3. Stela [Mercadante] me recebeu. Aí foi a volta bonita para o Vera. Eu tinha feito um curso no Cevec de Arte e Educação, com a Regina Sawaia.

De volta ao Vera

Foi lindo voltar para a minha Escola e ver os bastidores, como a Escola funciona. Me lembro de ter escrito no relatório para Stela da minha surpresa em ver

que ela funcionava como um relógio. Ela me chamou e disse: “O que você quer dizer com isso?”. “Stela, é muito impressionante como as coisas dão certo. Um grupo está no Laboratório, o outro está na Educação Física, o outro foi para não sei onde, daqui a pouco, toca um sinal e troca, e todo mundo sabe onde tem que estar, alunos, professores, funcionários”. A sensação que dá para quem observa é que nada dá errado, tudo dá certo.

Isso foi em 1990. Fiz o estágio no Nível 3 e fiz os de licenciatura. Aí fui trabalhar numa escola do estado, na Maximiliano, que precisou de uma substituição de professor. Peguei duas mil aulas. Acho que 1990 foi o ano em que eu mais trabalhei, no 2º semestre. E aí botei um pé dentro da escola e fiquei. O que aconteceu foi que, na virada de 1990 para 91, a filha da Eunice, minha amiga do Vera de infância, a Ina, amiga de pré, morava na frente da minha casa. E a Ina, nessa época, morava na Alemanha. O marido fazia doutorado lá. Cheguei em casa e tinha um bilhete embaixo da minha porta. “Passei aqui, um beijo, Ina.” Peguei o telefone e liguei. A Ina tava tomando banho, e a Eunice, que atendeu o telefone, perguntou se eu não que-

ria trabalhar no Vera. Ela era coordenadora do Nível 2 e disse que precisava de duas professoras auxiliares. Uma delas era para trabalhar com uma classe. Eu estava buscando um caminho. A Eunice me contratou como auxiliar numa classe.

Comecei em 1991, com uma vida profissional mais estruturada. Eu dava aula na Novo Horizonte, no Alfredo Castro e no Vera. Três escolas. Vim como auxiliar de Nível 2. E aí começa um capítulo de formação profissional muito, muito, muito importante. Porque, dentre as muitas coisas que o Vera faz com muita qualidade, formar profissionais é uma delas. Volto como ex-aluna, depois de estar semeando o nome profissional, da professora Ana Maria. Então chegou de volta a Aninha, com o privilégio de trabalhar com Ana Caleiro, com Elisa [Vieira], com Eunice, depois a Lucília. E a sorte de ser auxiliar de uma pessoa extraordinária que é a Rubete dos Santos. A Bete me ensinou tudo o que ela sabia, foi de uma generosidade comigo que não tem, não existe por aí. De me entregar os cadernos de anotações de aula dela, de exercícios. Eu tive aqui mentoras que foram ensinando no miúdo.

Me fiz professora no ano de 1991, um tanto nessa experiência da polivalência, que é outra preciosidade desta Escola. Quem passou por uma sala na condição de professor polivalente sabe muito da interação com o aluno, a gestão de grupo, de equilíbrio, leitura de dinâmica de sala. Polivalência é uma riqueza. Das coisas que eu mais valorizo no meu trajeto foram esses três anos de polivalência. E no último ano fiz uma substituição de licença-maternidade no 1º semestre. Voltei para auxiliar no 2º semestre. E aí me vi com energia sobrando. Gente, eu tenho uma energia maluca. E auxiliar é pouco para mim. A Ana Caleiro não tinha turma para mim.

Além de muitas coisas, minha mãe era taróloga. E eu disse: “Tô com vontade de pedir demissão. Também não tenho muito pra onde ir, mas...” “Não, vamos pôr as cartas.” Aí ela pôs as cartas na mesa. “Seu tempo de Vera acabou. O que você tinha pra fazer no Vera foi feito. Já era, esgotou. Pode ir. Pode ir embora tranquila.” A Flavinha Ricca tava voltando para o Vera e ia deixar as aulas de História na escola Paulo Freire. “É pra eu ir? Já que eu tô aqui perguntando, procurando. O que eu vou ser nessa outra escola?” “Tem um marido.” “Eu

não vim aqui perguntar de marido, vim aqui perguntar profissionalmente.” “Profissionalmente, não vai acrescentar muito, mas tem um marido pra você aqui, pode ir, pode sair do Vera e pode ir pra Paulo Freire.” Minha mãe estava certa. Fui pra Paulo Freire, acabei me apaixonando, casei lá com o professor de Matemática. E entendi que o meu tempo de Vera tinha acabado.

Até que a Zezé Gregori, que naquela época era orientadora pedagógica na Paulo Freire, me chamou e disse: “Aninha, você sabe que o Vera vai abrir o Ensino Médio?”. “Não, não estou acompanhando.” “Mande seu currículo, ligo lá para o Edaival Mulatti, para a Cecília Betti, falo com eles, faço sua indicação”. E a Zezé também tinha vindo do Vera. Foi professora aqui há muito tempo. “Será, Zezé?” “Vai, Aninha, vai!” Porque nessa época o Paulo virou diretor geral e ficou uma relação esquisita, um casamento superjovem, e ele, o diretor da escola. Eu estava querendo sair. Aí mandei o currículo para o Ensino Médio, ao mesmo tempo que fui para o Equipe. Enfim, fui fazendo a vida ali, e aí me chamaram. Então, o tempo de Vera que a minha mãe viu esgotado, era aquele tempo do Nível 2. Na verdade, o tempo de Vera foram mais 30 anos no retorno.

Desbravando o Ensino Médio

Comecei em 96. Não trabalhei na equipe que fez o planejamento do Ensino Médio. Cheguei em fevereiro, para o planejamento, numa equipe totalmente nova que eu não conhecia e numa condição interessante; eram todos professores muito potentes, muito sabidos, uma equipe extraordinária que eles montaram e que não tinha conexão com o Vera, e eu chego para compor então um quarteto com Cecília Betti, Edaival e Maria Lucia [Di Giovanni], que tinham sido meus professores. Cecília tinha sido orientadora das minhas irmãs mais novas. Acabei chegando naquele time de notáveis como a pessoa que tinha a mina de ouro, que conhecia a instituição, sabia como funcionava. E aqueles alunos da primeira turma tinham sido meus alunos no Nível 2.

Eu reconhecia alguns alunos, e ser reconhecida por eles dava uma certa calma no ambiente do Ensino Médio. O EM abriu muito grande, eram três classes de trinta, na primeira turma. Os alunos vinham do Vera e os professores não tinham nenhuma ideia do que era o Vera. Eram 12 professores com 90 alunos, e os

alunos — adolescentes — dizendo: “nós somos o Vera, vocês é que são os estranhos aqui”. Então acabei tendo um papel bem importante de levar marcas da Escola. Eles me chamaram para ser professora orientadora e eu acabei, já de cara, criando a função de professora orientadora e ainda vivendo um hiato, que é outra preciosidade na minha formação, porque a Cecília Betti assumiu a Coordenação do Nível 3 com o ano já começado, e a gente ficou sem orientadora para fazer atendimento às famílias.

Fui para a linha de frente com coisas bem difíceis, bimestre fechando, aluno com nota baixa, aluno colecionando recuperações e precisando dar devolutiva para as famílias. Outro aprendizado gigante: o relacionamento com as famílias. E como se faz isso, como se triangula entre os alunos e as famílias e conectar isso com a equipe de professores? Então, de cara, já no primeiro ano do Ensino Médio, acabei passando pela experiência completa. De estar na gestão, muito perto da Coordenação, e fazendo um pouco de tudo. Fiquei três anos como professora orientadora, mas a ideia era rodiziar. Então me afastei dessa função.

O ano 2000 foi um ano muito difícil na minha vida: eu estava tendo minha segunda filha, minha mãe morrendo, um ano muito tumultuado. Fiquei cinco meses de licença. Quando voltei, voltei ainda como professora, dava aula no Equipe (outro pedaço precioso da minha vida profissional), trabalhando com o Raimundo Campos na supervisão técnica das aulas de História. O Raimundo é outra figura muito, muito, muito importante; aprendi demais trabalhando com ele. Foram anos dando aula, vida de professora.

Em 2003, o Edaival tinha ido embora, Maria Lúcia ficou com a Coordenação sozinha, Lucília Siqueira, minha sócia dos colares, foi pra PUC fazer um concurso, defendeu o doutorado, vida universitária. Então, Lucília [Bechara] e Maria Lúcia me convidaram para assumir o Núcleo de Novas Práticas: Laboratório, Língua Adicional, Treino Esportivo, Tecnologia, Biblioteca, tem um pedaço que fui fazendo e que, de novo, Maria Lúcia foi buscar em mim o repertório da cultura do Vera na formação de uma equipe que crescia. Foi um tempo em que a Escola expandiu.

Reassumi a Orientação do 1º ano, mais o Núcleo de Novas Práticas, contrato de tempo integral. Assim estou até hoje, enfiada na Escola, *full time*. Passei dez anos como assistente de Coordenação, trabalhei muito perto da Maria Lúcia e, então, assumi a Coordenação. Em 2003, tive minha terceira filha. Acho que fui me criando com Maria Lúcia desde a origem. É legal porque quando Maria Lúcia e Edaival me contrataram, ele me fez a pergunta, com sua habitual franqueza: “Aninha, você vai conseguir trabalhar com a gente sem ser aluna?”. E eu disse: “Claro que sim. Qual é a dificuldade?”. Agora, o fato é que fui muito aluna deles nesse período todo. E eu, com essa curiosidade que vinha do Vera, que é minha, que criei aqui, ponho o olho do palpito em todas as coisas. Quem trabalhou comigo sabe. Não adianta.

Na parceria com Maria Lúcia, fiquei muito, muito próxima dela, que me disse: “A apresentação da Escola [para famílias novas] é muito chata. A gente pode fazer de outro jeito”. Comecei fazendo com ela, ela foi me deixando entrar na apresentação; depois, é isso, sou professora, e, na minha alma de professora, não me assusta conversar, contar. Gosto. Conheço. Fui

achando esses caminhos, mas também podendo mexer em formatos.

Uma coisa óbvia é que a gente não precisa ser sisuda, não precisa rosnar, a gente pode fazer de outro jeito. Quando assumi a Coordenação, a reunião de famílias do 1º ano era uma reunião feita pela Maria Lúcia. No caso do 1º ano, ela entregava um pedacinho para eu falar sobre como funcionava, eu fazia o operacional, horários, semana de prova, calendário. E ela fazia toda a apresentação do projeto; os professores não diziam nada. O medo, o receio de dar voz e de fugir do controle. E acho que foi das primeiras coisas que fiz quando assumi a Coordenação. Não, a gente prepara uma equipe para falar. Não é para ter esse receio do que o professor vai dizer. Ele está na linha de frente. E a gente constrói essa confiança institucional de que ele fala em nome da Escola. Dá trabalho, mas funciona. Então, tenho essa habilidade, gosto. Brinco que é só me dar um microfone e eu viro a Ivete Sangalo, não tem problema.

Uma corrida de obstáculos

Quanto aos desafios como coordenadora, tem um que é dado a priori: sair da sala de aula e da linha de frente, com uma leitura da Escola que é de professora com aluno, e atravessar a mesa para fazer gestão. É outra relação com o aluno e é outra ocupação. Diferente da de um professor que está ali, muito pertinho. Isso foi a primeira coisa. Lucília [Bechara] fez comigo uma coisa muito preciosa: contratou um *coach*, entendendo que eu tinha um trabalho a fazer, de atravessar a mesa, como a gente chamava, inclusive politicamente, na liderança dos professores, na reivindicação. Eu era parte dos móveis e utensílios e tinha um lugar de fala, tinha liderança.

O *coach* foi bem importante para eu dar nome aos processos e entendê-los com alguém de fora, ajudando a ler o que eu tinha que fazer, inclusive com relação aos professores. Eu era daquela equipe, e daqui a pouco você levanta e passa a contratar, avaliar, fazer devolutiva, dar bronca, se chegou no horário, se entregou o diário, se atrasou a entrega de nota; tem um monte de coisa que é chatice.

Ao mesmo tempo, precisava me ocupar integralmente dos processos de formação. E fazer a reunião geral. São 36 professores. E como é que você pensa numa formação que tem a ver com o trabalho envolvendo 36 professores? Eu fazia isso com 12 no 1º ano, em torno dos projetos miúdos. Daqui a pouco não, estamos falando de projeto institucional, de projetos educacionais grandes, de intervenção grande. Nos dois primeiros anos, eu ligava para Maria Lúcia e dizia: “Você não me contou tudo, Maria Lúcia”. Ela falava: “Se eu contasse tudo, você não topava” [risos]. Procurei por ela em várias situações, coisas grandes que o profissional de sala de aula não faz.

O acaso me levou a pôr a mão num pedaço que depois foi muito essencial. O Ensino Médio é muito fragmentado em disciplinas e nasceu muito ancorado na competência de cada professor, nesse time muito forte de um saber disciplinar. Os planejamentos de disciplina eram todos muito centrados no professor e na autonomia, na autoria dele. E o que comecei a fazer com Lucília foi dar um contorno de área para isso. O que une esses professores e suas disciplinas em quatro grandes áreas para que a gente consiga expandir um

pouquinho a conversa e ter projetos menos fragmentados? Tinha uma coisa de desfragmentar a Escola do ponto de vista da concepção. Então, começamos um trabalho belíssimo de escrever os documentos de área. Acho que foi a primeira coisa que fiz. Ousado, né? Para quem tá chegando na Coordenação... Mas foi muito legal de fazer, sobretudo com os professores orientadores. Era um projeto meu, com os professores orientadores: “Vamos desenhar essas áreas e pensar a Escola dessa perspectiva, um pouco mais abrangente”.

Fazia tempo que a gente não revisitava os documentos de disciplina, os documentos fundadores. Então a gente reescreveu tudo e escrevemos os documentos de área. Aí chega a Regina [Scarpa], uma parceria muito legal nisso: “Vamos olhar para as práticas, os processos. O que a gente faz na Escola que é valor, que fala do valor do projeto?”. Montei com Regina um seminário de práticas, identificamos a experiência da gestão democrática, pois a gente é craque nisso, foi dando força e ensinando a fazer. Levantamos com os professores quais eram os temas que nos desafiavam, trabalho em grupo, avaliação, os clássicos — acho que quatro, cinco temas que nos desafiam —, e

quais são as práticas que a gente tem em torno disso que nos ocupam.

Cada grupo foi estudar uma coisa e levantar as práticas que problematizavam, tematizavam aquilo, ou ofereciam soluções que a gente pudesse compartilhar. Escrevemos esses documentos todos — quais são as nossas perguntas, que teóricos percorremos, que práticas identificamos — e fizemos um seminário de práticas. Fomos para um hotel-fazenda, um dia inteiro de troca entre nós, com o Inglês junto. Isso também foi muito, muito legal e precioso para o que veio depois. Acho que a gente fechou esse percurso.

Na sequência, a reforma do Temer, medida provisória, um pouco de uma hora para outra, demandando de nós algo que a princípio parecia gigante: criar os itinerários, mas ninguém dizia o que era. Era um escopo grande, meio rascunhão, e era medida provisória. O formato medida provisória é muito condenável, não se faz educação assim. A gente viveu os PCNs, o processo todo de elaboração daqueles parâmetros. E a própria BNCC estava saindo do papel. A Base do Ensino Médio não tinha saído ainda. O Enem era uma

certa novidade ainda, tinha sido recentemente reformulado. Olhei para Regina e falei: “Vamos fazer o que agora?”. “Vamos ouvir a equipe, vamos pensar juntos.”

Fizemos um documento de compromisso com os valores, e os projetos que carregam os valores que não podiam sumir do mapa. A partir daí, a gente entrou num processo que, para mim, é meu trunfo profissional: criei o currículo do Ensino Médio do Vera duas vezes, participei desse processo de criação do currículo duas vezes e não consigo imaginar a vida de um educador mais privilegiado do que inventar escola. Inventei o Ensino Médio do Vera duas vezes. Tenho orgulho.

A gente também tinha um desafio da recuperação. Como fazer recuperação de alunos que precisam de mais tempo, de grupos menores para concretizar suas aprendizagens com a Escola andando? Inventamos uma semana especial, quando a gente fazia conviverem alunos em recuperação, em aulas de recuperação, e alunos sem recuperação, em aulas de aprofundamento, cursos temáticos, enfim, e fomos fazendo uma semana especial. Era uma loucura, uma operação de guerra, muda todos os horários, vira a Escola do aves-

so, mas a gente se divertia, os alunos se divertiam e a experiência foi muito legal, de uma escola arejada, que acolhe e organiza a recuperação como um valor e, ao mesmo tempo, oferece recursos para o professor fazer sobre o doutorado dele ou sobre um *hobby* dele.

Tudo isso foi muito inspirador, pensar a expansão da parte diversificada, o que é itinerário, o que a gente não vai perder, o que a gente já inventou e é legal. A semana especial nos dá pistas do que interessa aos alunos. As áreas como instâncias criadoras desse pedaço do currículo, mas com um fio, com eixo, para não ficar tudo fragmentado de novo. Fiz um curso de especialização na PUC do Rio Grande do Sul e quando tive que escrever meu TCC, pensei: “Tá pronto”. Essa experiência de criação curricular com a gestão democrática, a voz dos professores, o papel da coordenadora pedagógica como alguém que oferece a condição para isso — então escrevi e foi muito bacana sistematizar, olhar de fora e pensar: “Nossa, começou lá no seminário de práticas”.

No paralelo, Regina fazia um outro braço, que também foi muito precioso, com os Grupos de Trabalho,

a criação dessa transversalidade do currículo, de poder conversar com os pequenininhos e chegar nos grandes e o que tem que acontecer no caminho. Também deu referências muito importantes para o que a gente tem que fazer aqui, porque é um compromisso institucional. A vinculação do Médio com a Instituição começa com a desfragmentação interna, para a gente se amarrar no conjunto da Escola, enxergando que a gente é mais uma etapa. E isso está consolidado. A gente fez e é firme.

Acho que a Escola tem que mandar flores para Regina todo dia, por muitos anos, porque isso nos faltava. Acho que o Vera perdeu tempo com essa fragmentação e com essa impossibilidade de juntar as equipes para a gente trocar três ideias sem que isso virasse um conflito em algum lugar. Acho que Regina, no plano pedagógico, e Heitor [Fecarotta], na Direção Geral, conseguiram uma disposição que no Médio teve um impacto gigante. Foi um percurso muito importante, porque isso nos põe em diálogo, é uma escola só. A gente pode conversar e pode gostar de ser uma escola só. Se encontrar nas festas, saber quem é quem, reconhecer, gostar dos nossos filhos.

Com essa história de ser do Vera desde criancinha — mesmo! —, sempre tive um trânsito pela Escola muito facilitado, porque de alguma maneira as pessoas me conheciam. Onde eu ia tinha alguém que trabalhou comigo ou foi meu professor. Andar por dentro da Escola foi sempre fácil. Isso também facilitou na hora que a gente passou a andar como Ensino Médio por dentro da Escola. E com essa minha habilidade de conversar com todo mundo — converso até sozinha —, isso foi um grande facilitador na hora que a Escola resolveu ser uma só. Até poder entender que tem diferença, vai ter sempre, e ela não é necessariamente ruim. A gente pode discordar sem romper. Regina foi uma mediadora preciosa, porque ela tem isso como uma habilidade relacional que admiro, ela é calma, elegante, muito assertiva, muito doce, então ela facilita as coisas. A presença dela na Instituição fez com que a gente fosse se aproximando e favorecendo coisas muito lindas.

Viver outra vida

Posso me afastar tranquila, porque o adolescente de 30 anos tá bem-criado. Missão cumprida. É hora de sair, por muitos motivos pessoais, mas institucionalmente não vejo que minha saída vá dar solavanco. Acho que consegui dar contorno a um time tanto pedagógico quanto administrativo.

Claro, depois de 30 anos trabalhando num lugar, fazendo um trajeto, tem uma tristeza, uma emoção. Tô aqui gerenciando fortes emoções. A Escola é grande, as pessoas do Vera ficam, então a gente vai criando vínculos, referências de muito tempo. Mas eu tenho uma psicanalista maravilhosa, a gente vai trabalhando, porque é da vida, a gente precisa olhar e dizer: “É bom pra mim”. As pessoas perguntam: “O que você vai fazer?”. “Curso de cerâmica, terça-feira às três da tarde!” É isso. Trabalho desde os 18 anos nesse ritmo. Fora o período da volta de Jericoacoara. A perspectiva de não trabalhar é boa. Tem um monte de coisas que quero escrever, ler; quero voltar a tocar violão, a ter tempo de cantar. Tudo isso foi saindo das caixas na minha casa. Fui buscar meu teclado de volta na

casa de meu sobrinho, o violão foi para a sala, uma vez por semana afino ele, toco um pouquinho. São coisas que, na intensidade do dia a dia, fui deixando em segundo plano. Três crianças, dois cachorros, um coelho, um aquário... Vida de maluco! Vivi a vida de maluco. Minha filha mais velha tá casando. É bom, porque quero ir de dourado. Vou comprar um vestido lindão, vou arrasar. A mais novinha tá nos últimos momentos da licenciatura, trabalha, ganha. Então, essa função materna eu não tenho mais. Vamos aproveitar para outras coisas e fazer coisas que não fiz ainda, como cerâmica, ou fui deixando de lado, como a música. Quero de volta.

Sigo sempre à disposição do Vera. O que precisar, é só ligar, moro aqui do lado. Tudo o que construí aqui, tudo o que sei da Escola, tá disponível. Volto com o maior prazer. Diferente de quando saí na 8ª série, quando precisei brigar para sair, e, com mais divã no meio do caminho, não tem o que brigar no Vera para sair daqui. Saio feliz, emocionada, olhando para uma escola que é parte muito grande de minha vida. Um orgulho! O Vera é muito bacana, acho que não tem para mais ninguém. O Vera a gente faz com convicção,

com profundidade, é um monte de gente pensando junto. E tem muito lastro, desde D. Yolanda [Vidigal].

Um dia fui visitar D. Yolanda, ela já bem idosa, em casa, recolhida. São vidas entrelaçadas. Sou muito grata, ela inventou minha escola, a escola das minhas irmãs, a escola das minhas filhas. Tenho um carinho gigante.

Tô saindo feliz. Que vida feliz aqui! Com tropeço, com solavanco, claro, com crises, mas feliz. Tenho um baita orgulho de minhas filhas terem estudado na Escola onde estudei. Minha mãe organizou a biblioteca da Escola! A cada bibliotecária que passa pela Baumann conto isso. O primeiro livro de tombos foi minha mãe que fez. Nos livros de tombos dos anos 1970, tem minha letrinha de criança lá. É uma mistura boa.





Uma realização da Escola Vera Cruz
2025